

MENTIRAS

com

BOURBON

TOP
SEL
LER

VICTORIA WILDER

*Dedicado às mulheres que são corajosas o suficiente para se salvarem.
Não importa se de algo que lhes mudou a vida ou de um pequeno
momento que pareceu significativo. Não precisaram de esperar que
um cowboy aparecesse para vos salvar. Fizeram tudo sozinhas.*

*No entanto, se ainda esperam por um «cowboy» sensual
que vos recompense, permitam que o Grant Foxx seja
o seu substituto até que apareça um...*

Nota sobre o livro

Apesar de esta ser uma história de ficção, há alguns temas fortes de cuja abordagem deve estar ciente antes de iniciar a leitura.

Primeiro que tudo, grande parte desta história decorre em torno do WITSEC, ou Programa Federal de Proteção a Testemunhas dos Estados Unidos. O que é feito neste livro é simplesmente uma interpretação desse programa. Nem eu, nem ninguém que conheça, fez parte do mesmo, pelo que quando digo que esta é uma obra de ficção, é isso mesmo que quero dizer.

Adiante apresenta-se uma lista de potenciais gatilhos que não devem ser interpretados como *spoilers* ou clichés, mas antes como um aviso, no caso de considerarem alguns destes aspetos perturbadores: violência e morte explícitas, cenas sangrentas descritivas, referências a cativeiro, violência contra mulheres, violência armada, violência contra animais, menção a pais e familiares falecidos, referência a agressão sexual, menção a canibalismo, menção a homicídio, personagens principais que lidam com a perturbação de stress pós-traumático (PSPT), linguagem vulgar e cenas descritivas de sexo explícito.

As Regras do Bourbon

Todo o bourbon é whisky, mas nem todo o whisky é bourbon. Existe um conjunto de regras a observar para que o bourbon possa ter esse nome.

1. Deve ser produzido nos Estados Unidos.
2. A mistura deve conter pelo menos 51 por cento de milho.
3. Deve ser envelhecido durante pelo menos dois anos num barril de carvalho novo chamuscado.
4. O whisky não pode entrar no barril com um teor alcoólico superior a 62,5 por cento.
5. Nada lhe pode ser adicionado além de água, e apenas para diminuir o teor alcoólico quando necessário.

Em Fiasco, no Kentucky, existe mais uma regra que se relaciona com o bourbon ali produzido, ainda que apenas vagamente: **Nunca se apaixone por um dos irmãos Foxx.**

1

GRANT

— Não — digo por entre os dentes cerrados.

E, por um instante, uma curta contagem até três, tenho a sensação de que é possível que ela me ouça. Mas eu soube assim que disseram que ela tinha sido a primeira a chegar ao local. Não importava que ela estivesse a trabalhar há menos de uma hora. Eu conhecia-a melhor do que ninguém. Ela estaria a caminho do local assim que a localização fosse transmitida pela central.

As informações batiam certo. Coincidiam com as provas recolhidas, que apontavam para uma mudança de foco, de uma rede de tráfico de droga para o tráfico de vidas humanas. De mulheres, especificamente.

Um vizinho que vive a pouco mais de três quilómetros da velha fábrica de tabaco tinha telefonado a dizer que não se lembrava de que a propriedade tivesse sido vendida em hasta pública, mas que houvera ali atividade durante o fim de semana. Atividade suficiente para que os seus cavalos se assustassem e se mantivessem afastados do pasto que costumava ser o seu preferido. O pasto situado ao lado dos terrenos usados para plantar tabaco.

O meu rádio estala quando me levanto, demorando-me junto à secretária à espera de ouvir a resposta dela.

— Não é um pedido, Foxx. Vou entrar. Vejo movimento, e acabo de ouvir um grito ou uma súplica. É causa provável.

— Raios partam — ladro em resposta. — Inconsciente de merda. — Saio do escritório a bufar e sigo pelo corredor que vai dar à saída. — Del, leva a tua equipa para aquela quinta imediatamente — grito para o meu oficial superior. — Como é possível que não haja mais patrulhas nas proximidades?

Todos na esquadra estão cientes desta chamada. Fiasco é uma cidade pequena, tendo em conta a sua população, mas território não falta. Não acontece por aqui muita coisa que exija a deslocação imediata de várias viaturas para um local. Mas não penso no que digo. Estou a reagir ao mesmo tempo que tento agir. Depressa.

— A Fiona e o raio de um novato são os únicos presentes no local — sentencio.

O Del ergue o sobrolho até quase tocar o cabelo. Fiz asneira assim que o disse. *Fiona*. Devia ter dito agente Delaney. *Não* Fiona. Não importa que a conheça desde que andámos juntos na escola primária; mais de metade destes rapazes andou na escola connosco. Mas preocupo-me com essa conversa mais tarde. Não se trata de ter gritado com o meu tenente ou de estar lixado por não ter sido o primeiro a ser chamado ao local. Sou o responsável da unidade canina. Qualquer situação relacionada com drogas que aconteça na cidade faz com que eu e a *Julep* sejamos chamados ao local antes de qualquer equipa em patrulha. Mas eles precisam de apoio neste momento. Se houver gangues envolvidos, vão meter-se em algo que podem não ser capazes de controlar.

Curvo a língua e assobio, correndo pela garagem até onde o meu carro se encontra estacionado. A *Julep* está ao meu lado passados segundos, o som das unhas contra o piso de betão.

— São horas de trabalhar, *Jules* — anuncio.

Ela salta para o seu lugar assim que abro a porta traseira do lado do passageiro. Faço-lhe uma festa rápida na cabeça castanho-escura, prendo-lhe o colete ao cinto de segurança e arranco. Estou a pouco mais de quilómetro e meio da esquadra quando o rádio começa a fazer-se ouvir mais alto, com as comunicações de outros agentes que se encontram a caminho, dando atualizações.

— Central, estamos a oito minutos do local.

É demasiado tempo. E ainda não soube nada da Fiona. Olho para o relógio do tabliê. Passaram quatro minutos desde o seu último contacto, e nada desde então. *Porra*.

— Central. — A voz dela soa no meu intercomunicador e eu aperto o volante com menos força. — A fábrica de tabaco está no mais absoluto silêncio. — Mas, antes que eu possa sequer soltar um suspiro, ouço de novo a sua voz no rádio. É um sussurro ofegante que me deixa os nervos em franja. — Central...

A *Julep* solta um latido no banco de trás.

— Vamos ter com ela, miúda — respondo.

A *Julep* teve uns bons vinte minutos de festas na barriga esta manhã, cortesia da Fiona. Tem sido assim nos últimos seis meses. E, antes disso, tive a sensação de que a Fiona lhe dava mais alguns mimos antes de sair sorrateiramente de minha casa todas as noites.

Vejo a produção de tabaco ao longe. Desligo as sirenes antes de chegar à rua de acesso, mas mantenho as luzes ligadas, especialmente agora que o crepúsculo chegou. Não sei o que vou encontrar e a última coisa que quero é tornar a situação ainda pior.

— Agente Delaney, ouve-me? — insiste a central. — Temos três unidades a menos de cinco minutos daí. A unidade canina está a menos de dois.

— Disparos. Disparos — é a comunicação seguinte, e eu carrego no acelerador a fundo enquanto o meu coração bate descompassado.

De fundo, a central aciona todas as viaturas disponíveis para a fábrica de tabaco abandonada a que estou a chegar. Desligo o motor e saio do carro segundos depois. Decido deixar a *Julep* no banco de trás, uma vez que um alerta para disparos significa que o cão farejador não deve aproximar-se do local até que a situação esteja normalizada. Ela não servirá de ajuda num tiroteio, mas leu a minha linguagem corporal e ouviu a voz da Fiona no rádio, pelo que a deixo a rosar no banco de trás e pego silenciosamente na minha pistola e lanterna. Quando me aproximo da antiga fábrica, vejo as portas escancaradas e restos de feixes de folhas de tabaco secas que pendem

de forma intermitente das vigas. Há máquinas esquecidas, velhas e enferrujadas, no centro do espaço. Tirando isso, está tudo vazio.

Ouçõ gritos abafados e mais dois tiros num grande barracão a cerca de trinta metros de onde me encontro, na orla da herdade. Ouçõ as sirenes dos dois carros de polícia que se aproximam pelo comprido acesso por onde cheguei. Ouçõ o chiar de pneus provocado pela travagem e, instantes depois, um dos nossos carros passa por mim a toda a velocidade em direção ao barracão.

Ela está bem. «Ela transmitiu a sua localização» são as palavras que repito constantemente para comigo enquanto corro a toda a velocidade atrás dos agentes que entram no barracão. Deixei o meu rádio no carro, pelo que não posso ter a certeza, mas eles têm uma localização exata. *Ela vai estar bem. É uma agente treinada e experiente.*

Quando chego à porta do barracão, arquejante, com a lanterna em punho e a arma engatilhada por baixo, a situação que encontro está tudo menos controlada.

— Valha-me Deus — balbucio enquanto me aproximo. O nosso mais recente novato, Lee de seu nome, sangra no chão diante de outro agente, que tenta aplicar-lhe um torniquete feito com o próprio cinto.

Não me detenho para ajudar.

Fiona.

— Mills, onde está a Delaney? — pergunto, aproximando-me da porta dupla do outro lado do barracão. Uma lanterna brilha ao longe no momento em que avisto um rasto de sangue à minha frente.

— O Del está a seguir o rasto — grita o Mills atrás de mim. — Não estava aqui mais ninguém quando chegámos.

E é nesse preciso momento que ouçõ, no rádio do Mills, o Del a comunicar à central:

— Tenho outra agente baleada. Preciso dos paramédicos. *Já.*

Nem penso. Todo o meu treino — a cautela necessária para evitar reações precipitadas e ações induzidas pelas emoções — é reduzido a fragmentos lançados ao vento. Corro. Apontando à lanterna que se mantém imóvel ao longe, avançando na sua direção a toda

a velocidade. Distingo os contornos deles quando me desvio de uma cerca partida.

O Del a curvado sobre um corpo imóvel na erva. Semicerro os olhos à medida que um aperto de dor se apodera do meu peito.

— Não — protesto, passando para o outro lado do Del e arrancando-a dos seus braços para os meus. Lágrimas que não me lembro de caírem molham-me o rosto enquanto grito para o seu corpo imóvel: — Não, querida, o que aconteceu? Porra. Porra. Não.

Não me importa que a tenha tirado dos braços do pai para os meus. Não me importa que tenha acabado de revelar que a minha relação com a Fiona Delaney foi muito além de sermos colegas, amigos, e até da ideia ridícula de ser apenas algo físico. Não me importa se continuo a repetir as mesmas palavras vezes sem conta:

— Amo-te. Não podes morrer, estás a ouvir?

Afasto-me um pouco para ver onde foi ferida; o pequeno corte no seu pescoço já mal pulsa enquanto o sangue cobre os meus braços e o chão por baixo de mim. Pressiono a ferida com a palma da mão para estancar a hemorragia. A camisa do uniforme está desabotoada até abaixo do colete e uma mancha húmida é visível no seu flanco.

Quando a volto para mim, o rosto lavado em lágrimas do Del contorce-se de dor enquanto ele murmura:

— Santo Deus, a Fiona. A minha bebé.

Olhamos ambos para a parte da sua pele que se apresenta dilacerada como se tivesse ficado presa numa cerca de arame farpado. O seu corpo torna-se mais pesado nos meus braços à medida que a abraço com mais força.

— Aguenta, Fi — peço. — Aguenta.

Sei que ela não respira, mas não consigo largá-la.

— Está morta, Grant.

CINCO ANOS DEPOIS...

2

LANEY

— Mentalmente apenas quando for necessário.

Olho para as minhas mãos. Sapatilhas de ballet salpicam-me as unhas, pintadas com um verniz rosa-claro que passei a detestar. As minhas cutículas são o resultado do meu nervosismo: recém-mordidas e arrancadas. Há meses que ignoro o que é «certo».

— Também posso estar a mentir agora — balbucio, abanando a cabeça.

Sinto-me frustrada, e essa energia faz com que os meus nervos se transformem gradualmente em raiva e sarcasmo. É uma combinação vencedora. Não sei para onde vamos, nem por quanto tempo. A única certeza que tenho é da confusão que deixo para trás. Respiro fundo. *Tu consegues fazer coisas difíceis.*

O som da janela a abrir-se abafa a voz grave e fanfarrona do Johnny Cash a cantar na rádio.

— Ele ficaria orgulhoso de ti — suspira ela, deixando bastante claro que palavras de encorajamento ou de simpatia não são coisa que costume oferecer.

Imagino que consolar um «ativo» seja algo comum na profissão dela. Mas é possível que não seja esse o seu forte. Quando a observo do outro lado da cabina da carrinha, está demasiado escuro para perceber se a forma como segura o volante com força e coça a cara é um sinal revelador. Se está a tentar impedir-me de perder

o controlo, ou se simplesmente não está habituada a dizer estas coisas a pessoas como eu. Não faço ideia. É possível que tenha conhecido o meu pai profissionalmente, mas de certeza que não o conhecia como pai.

O meu pai costumava dizer-me com regularidade como se sentia orgulhoso de mim, não preciso que ela mo recorde. Era assim mesmo quando tudo o que eu fazia era contribuir para que ele tivesse uma úlcera. Por mais que eu saltasse de emprego em emprego, sempre que largava um, ele não deixava de me dizer que acabaria por encontrar a ocupação certa. Mesmo quando chegava a casa a chorar e não lhe dizia exatamente porquê, ele arranjava sempre forma de meter um «esse rapaz nunca te mereceu» na conversa. Não importava o que fosse, ele dizia-me sempre que iria tudo correr bem. «Tu consegues fazer coisas difíceis, Laney. Nunca te esqueças disso. Tu és uma Shaw.»

Mas, neste preciso momento, o meu pai ficaria desiludido. E zangado. Furioso por um monstro se ter cruzado no meu caminho. O tipo de monstro que ele passou a vida a tentar evitar que fizesse mal a alguém, especialmente a alguém de quem ele gostasse. Pestanejo para conter as lágrimas que me toldam a visão.

— Agente...

— Trata-me por Bea — interrompe-me. — Habitua-te a chamar-me Bea.

— Está bem. Bea. Não precisa de me dizer o que meu pai teria pensado desta situação. Não é isso que me vai cativar. Eu estou do seu lado. Estou zangada comigo... — digo, de modo um pouco áspero demais. — Não, sabe que mais? Estou danada com muitas coisas neste momento. Comigo, por... — Abano a cabeça ao pensar no motivo pelo qual estive naquela situação durante o tempo que estive. — Estou danada com aquele monstro por ele existir, por fazer mal a pessoas e por ter dado cabo da minha vida. Mas sei exatamente o que o meu pai sentiria se estivesse aqui.

— Sei que não pediste nada disto — responde, dirigindo-me um sorriso tenso —, e tinhas uma vida...

Apoio a cabeça no encosto e solto uma gargalhada curta que a impede de acabar a frase. A minha vida estava a meio de uma verdadeira queda livre. Eu tinha uma vida. Uma vida de que finalmente me orgulhava de ter construído, e maculei-a. Talvez aquele monstro tenha sido o meu castigo. Arrepio-me perante a ideia de o Universo ser tão cruel. Tomei algumas más decisões, mas não merecia uma coisa destas. A vítima dele não merecia isto. Fecho os olhos com força e belisco a ponta do nariz. A dor de cabeça, antes uma moinha incómoda e palpitante, transformou-se numa dor aguda por trás do meu olho direito. *Formidável, uma enxaqueca para completar a diversão.*

Estando acordada há mais de vinte e quatro horas, estou emotiva e não raciocino de forma lógica. A adrenalina que me pulsava nas veias, e que me fez ultrapassar este pesadelo, desapareceu. Tudo de que preciso é de dormir.

— Sempre dei ouvidos ao meu instinto, Laney. E esse instinto diz-me que esta mudança deve ser mantida discreta e fora dos canais oficiais.

Volto de novo o olhar para ela. Devia sentir-me aliviada por ver um rosto familiar no meio de tudo isto, mas não é o caso. Gostava que fosse o meu pai a tirar-me de apuros.

— A mulher que salvaste naquela noite nunca se esquecerá daquilo por que passou. Lembra-te disso.

— Eu sei — respondo, sentindo que a minha pele se arrepia quando penso na forma como aquela mulher gritou e correu até mim, implorando por qualquer coisa parecida com ajuda. Para começar, eu não devia ter estado lá. Nunca quis ser uma heroína. Queria sentir-me próxima do meu pai. Queria ser escolhida. Mas ela está a deixar-me curiosa. — O que é que o seu instinto lhe diz que não bate certo?

— Já se passaram mais de setenta e duas horas e não aconteceu nada. Alguém foi inteligente que baste para envolver o serviço dos U.S. Marshalls porque algo estava errado — explica. Quando olha de relance para mim, observo o seu perfil e tento ler nas entrelinhas

do que não me está a contar. Ela abana a cabeça, como se quisesse afastar o que realmente deseja dizer-me. — Com o tipo de provas que encontraram, tu e a vítima dele não teriam de ser mudadas para outro lugar. — Cala-se por um instante e engole de forma audível. — Não conseguiram que ele lhes desse um nome, e não o encontram no sistema.

Os pelos do meu pescoço eriçam-se quando penso nele. Ainda consigo sentir como os meus pulmões ardiam de fugir com o peso de outra pessoa sobre mim.

— Não há nome. Apenas impressões digitais parciais que não conseguiram ligar a ninguém que se encontre no sistema. Não existe nenhum historial de crédito ou rasto financeiro. Nem cadastro. Mas a consistência dos ferimentos nas suas vítimas é... — Interrompe-se. — Até saber que corres um risco limitado, vou garantir que ficas longe das vistas. Devo pelo menos *isso* ao teu pai.

Ela acende um cigarro aromatizado com cravo e eu pego no meu saco de gomas de ursinhos.

Não conheço os detalhes da relação que ela tinha com o meu pai, mas ele era um agente federal respeitado, e tenho a sensação de que muitas pessoas lhe deviam favores. Em tudo isto, essa é a parte que não me surpreende. O que me surpreende é que ela não queira deixar um rasto de papelada sobre o meu futuro paradeiro. Raios, nem sei para onde vamos.

Sinto um peso no peito que me impede de inspirar profundamente. Quero gritar com ela e dizer-lhe que está tudo errado. Sinto que estou a ser castigada por fazer o correto, o que não é justo. E por mais aliviada que me sinta por não ter de enfrentar a confusão que deixei para trás, não quero desaparecer.

Será mais difícil ter recordações se não estiver lá para ver o que as traz de volta, como as mantas na relva do Bryant Park, os passeios pelo High Line ou comer em Chinatown. Nem sequer tive oportunidade de trazer nada comigo.

— A cor fica-te bem — comenta ela, arrancando-me aos meus pensamentos.

Baixo a pala para proteção dos olhos e abro o espelho. Pareço... diferente. Continuo a ser eu, mas de uma forma mais velha. Menos uma mulher que tenta parecer-se com as outras, para corresponder a um molde ou manter a atenção de um homem. Pareço alguém que se sente confiante na sua pele. *Gosto* do que vejo, do meu cabelo com um tom vermelho-alaranjado em vez do louro platinado que usei durante a maior parte da minha vida adulta.

Sou uma pessoa completamente nova, que ainda não reconheço. Mas vou reconhecer. Daqui por algum tempo. Para ser sincera, não reconhecia a pessoa em que me tinha transformado. Tenho essa sensação há muito tempo, talvez mesmo antes de perder o meu pai.

— Podes manter o teu nome — continua ela, prendendo o cigarro entre os lábios e inclinando-se para mim para tirar uma bolsa com fecho-éclair do porta-luvas. — Tens aí uma nova identificação, carta de condução e passaporte...

Esqueço tudo o resto para pensar no meu nome. O meu pai chamava-me Laney, mas há muito tempo que não respondia por essa alcunha. Só existe uma pessoa viva que me conhece por esse nome, e não o quero voltar a ver.

Fecho os olhos e tento respirar fundo, fazendo um esforço para conter o asco que sinto ao pensar no que fazia com o Phillip. Passei demasiado tempo a tentar apagar a Laney de Coney Island e tornar-me a Eleanor Shaw de Manhattan. Já não sou nenhuma dessas pessoas: nem a Laney de Coney Island, nem a Eleanor de Manhattan. Os eventos de elevado nível, os casamentos da alta sociedade e a clientela abastada que atendia permitiram-me construir um estilo de vida, mas não parecia realmente uma vida. Parecia que tudo o que fazia era ostentar nomes de pessoas importantes sempre que possível, de modo materialista, e, passado algum tempo, foi fácil confundir trabalho árduo com felicidade.

Com uma sensação de alívio, folheio as folhas plastificadas. Ainda não processei tudo, e sei que me vou sentir como se um comboio desgovernado me atingisse quando tudo assentar. Sou suficientemente inteligente para saber que é por isso que as minhas emoções

se encontram em tamanha confusão. A falta de sono e um acontecimento extremamente traumático fazem isso a uma pessoa. Mas ver a autoestrada escura e indistinta ficar para trás rapidamente apaga as minhas decisões desastrosas e me prepara para o que está para vir. Se a Laney Young, do Colorado, tem de ser mentira, abraçarei essa mentira.

Precisei de esperar que chegássemos à Virgínia Ocidental para finalmente adormecer. Parece que se passaram apenas cinco minutos entre o momento em que o sono se apoderou de mim e aquele em que o som de uma discussão me desperta. Esfrego os olhos para afastar o embaciamento enquanto me concentro no relógio do tabliê. Na verdade, os cinco minutos foram seis horas. O carro está quente, quase abafado, como se o ar condicionado estivesse desligado há algum tempo. *Onde está a agente Harper?*

Desaperto o cinto de segurança e ponho a cabeça fora da janela para ver onde estacionámos. Não há montanhas nem mar. Tudo parece plano. Vivi sempre perto da água e na cidade. Mas aqui não há paisagens citadinas nem parques escondidos. Não há arranha-céus nem poluição ligeira, apenas a enorme casa de herdade que se ergue diante de mim.

Assim que abro a porta da carrinha, a humidade atinge-me a pele como se tivesse acabado de entrar por uma porta de rede. Sinto uma camada de suor formar-se de imediato debaixo de tudo o que é roupa, especialmente sob o elástico do meu sutiã desportivo e na minha nuca.

A Costa Leste pode ser tremenda em agosto, mas estamos apenas na primeira semana de junho, e esta viagem de doze horas faz-me ter a sensação de que avancei rapidamente para o calor intenso do verão.

Estico os braços acima da cabeça, levantando o cabelo para arejar o calor retido sob o mesmo. Respiro fundo, tentando acalmar os meus pensamentos ansiosos quanto ao lugar onde me encontro ou sobre como é irritante sentir tanto calor a meio da noite. E é então que me apercebo do cheiro. É como se uma brisa suave tivesse

acabado de chegar, trazendo um aroma de padaria que impregna o ar. Como o fermento para pão, tem notas de chocolate com uma doçura ácida. Não é como o sabor do ar salgado nem o odor pungente de um pântano na maré baixa. É muito melhor. *Afinal, talvez não venha a sentir a falta do oceano.*

Uma coisa que cheira tão bem agora deve ser ainda mais deliciosa durante o dia.

— Caramba — digo para comigo, ao contemplar o que tenho diante de mim.

A opulência parece algo que se veria na Costa Dourada ou nas praias de East Hampton. O relvado e a paisagem impecavelmente cuidados são iluminados de baixo para cima, como se cada arbusto e árvore devessem ser homenageados e exibidos. As janelas com caixilhos pretos contrastam com o revestimento branco, e o telhado de metal preto confere aquele estilo moderno de casa de herdade. É o tipo de casa que alardeia simplicidade, mas eu sei quanto o «simples» pode realmente ser caro. Casa de herdade, neste caso, foi uma escolha de design, porque não se trata literalmente de uma casa numa herdade. Mesmo sem conhecer os proprietários, sei que não são agricultores que aqui vivem.

Quase não se ouvem cânticos de grilos ou o zumbido do vento que sussurra por entre as árvores. O silêncio e a calma imperam. É aquela tranquilidade do final da noite ou do início da manhã que pode facilmente ser confundida com segurança. Ficarei segura aqui? Não se vê um único candeeiro aceso ou uma varanda de vizinho iluminada. Não se vê aquele tom rosado e crepuscular no horizonte, tingindo as margens da paisagem de preto antes de se diluir no céu escuro. Tudo é negro e salpicado de estrelas de vários tamanhos.

Ouçó a voz grave de um homem e volto de imediato a cabeça na direção da mesma. O seu tom faz-me rodear a carrinha estacionada.

— Só estás a ouvir o que queres ouvir, Bea. Eu disse que não. Porque estás à minha porta, e não à do Grant?

Não é preciso ser nenhum génio para perceber que existe uma forte probabilidade de a discussão ser a meu respeito. Ela disse que

ia fazer isto à maneira dela, mas calculei que teria telefonado antecipadamente para garantir que eu seria bem recebida para onde quer que fosse.

— Tu sabes porquê. — A voz da agente Harper é áspera. — E não estou a pedir, Ace.

Detenho-me ao fundo da escada. Quem é ele?

— Então, estás a ameaçar-me? — pergunta o homem no preciso momento em que repara em mim.

Olha para mim uma segunda vez. Tem o cabelo escuro com fios prateados penteado para trás e cortado curto. Mas o que me chama a atenção não é a barba de dois dias a condizer que lhe cobre o rosto, nem o seu porte. É o facto de estarmos a meio da noite e ele envergar umas calças de fato e uma camisa branca com as mangas enroladas até aos cotovelos. *É garantido que não se trata de um agricultor.* Apoia as mãos nas ancas estreitas, olha para o teto do alpendre e enche as bochechas de ar antes de o deixar escapar com um enorme ruído.

— Credo, Bea — diz depois de baixar a cabeça e fixar os olhos nos meus. — Ela parece uma criança, porra.

Talvez para ele. Mas já vivi bastante com os meus 29 anos.

A Bea volta-se para mim e pega na caixa dos cigarros com um sorriso. Depois de acender um e dar uma passa, sopra uma coluna de fumo que a brisa leve e quente leva para trás de si.

— Ela deteve um monstro há umas noites, Ace. Não é nenhuma miúda, isso posso garantir-te.

É a primeira vez que me sinto bem com o que fiz. É a primeira vez em dois dias que não me sinto afogada em incerteza.

A boca do homem curva-se num sorriso compreensivo que quase parece um pedido de desculpa. Recorda-me a forma como o meu pai sorria para mim quando sabia que eu estava prestes a dar-lhe uma notícia não muito boa.

— Tens de largar essa merda, Bea — responde ele em tom de censura, olhando a agente Harper de lado.

— Cala-te, Ace — replica ela. — Estamos entendidos?

— O Del sabe que estão aqui?

Ela faz-lhe um rápido sinal de «não».

— Quanto tempo? — pergunta o Ace, inspirando fundo e contendo a respiração.

— Isso deve depender dela — responde a Harper, descendo os degraus. — Mas, por agora, é até eu poder garantir que ela está livre de perigo.

— Corremos algum perigo tendo-a aqui? — pergunta ele, mantendo os olhos fixos em mim. — Sabes que nos aconteceram coisas más que cheguem para uma vida inteira...

— Preciso que ela esteja num lugar em que eu possa confiar — interrompe-o a Harper —, e longe de pessoas em quem não confio.

Não me escapa o facto de ela não responder à pergunta dele quanto a estar em perigo.

— E agora estou incluído nessa categoria? — pergunta o Ace, dirigindo-lhe um sorriso presunçoso. — Nesse círculo de confiança?

— Porra, é um círculo muito reduzido, Ace. Sabes que sim — afirma a Harper. — Além de que isso significa que fico em dívida contigo, e tu sabes quanto me agrada essa moeda de troca — acrescenta em tom relutante.

— Achas mesmo que é boa ideia esconder alguém em Fiasco?

— Qual fiasco? — interrompo. É bom que ela não me deixe num lugar pior do que aquele de onde vim, se é que isso é possível.

— Não é incomum estar uma mulher em tua casa a altas horas da noite — observa ela, erguendo o sobrolho. A insinuação paira no ar quando lhe dá uma palmadinha no braço. — Faz o que pudes. Sei como funcionam os rumores por aqui. Por isso, mantém-na afastada de tudo o que possa parecer a verdade.

— Nesse caso, calculo que não possa saber qual é a verdade.

— É aquilo que ela te disser — responde a agente Harper, fixando o olhar no meu e piscando-me o olho.

Ele olha-me de alto a baixo como se pensasse no que fazer comigo. Apoio o peso nos dois pés e endireito os ombros, dizendo-lhe sem palavras que não me sinto intimidada.

— Atticus Foxx — apresenta-se com outro sorriso presunçoso, abanando a cabeça. — Podes tratar-me por Ace.

Demoro alguns instantes a lembrar-me da mentira.

— Sou a Laney. Young. Laney Young — balbucio enquanto lhe aperto a mão.

Ele ergue o sobrolho de modo divertido perante as minhas palavras.

Pois, tenho de trabalhar isto. Preciso de ser melhor a dizer um nome que não é o meu. O problema é que não sou mentirosa. De todas as coisas que já fui, incluindo oportunista, romântica sem remédio e trapaceira, mentirosa nunca foi uma delas. Até agora.

— Muito bem, Laney Young. Bem-vinda a Fiasco, no Kentucky.

3

LANEY

— Estás em boas mãos, Laney — interrompe a agente Harper.

Não era minha intenção soltar uma gargalhada ruidosa, mas não consigo evitar. É curioso, e ao mesmo tempo dá-me cabo dos nervos, pensar que se espera que confie em todos agora. Já o fiz, confiei em alguém e no meu instinto, e veja-se em que posição isso me deixou.

Volto o olhar para o Ace, que tenta disfarçar um sorriso em resposta. Pelo menos, não está aberto a esta treta. E também não planeou nada disto. É garantido que não planeou que eu lhe aparecesse à porta a meio da noite.

Isto não é um esconderijo. Não há nada discreto aqui. Não nasci em berço de ouro, mas conheço o aspeto do que é dispendioso. Passei os últimos cinco anos a tentar integrar-me em algumas das famílias mais abastadas e nos círculos privados de Manhattan. Moderna, livre de excessos, potenciada por cores profundas e masculinas e pormenores complementares. Dos detalhes em metal dourado escovado e preto mate das portas e dos candeeiros à disposição da madeira ligeiramente tingida que compõe os pavimentos, o amplo *hall* e a escadaria imponente. Este lugar não é uma casa de recuperação financiada pelo governo, nem uma comunidade com orçamento limitado.

A agente Harper digita um texto no seu telemóvel, dando-me alguns segundos para olhar em volta com atenção. O lugar não devia parecer acolhedor, mas parece.

Enquanto o ar húmido do exterior se cola à minha pele e cheira a croissants de chocolate, aqui dentro a temperatura é alguns graus mais baixa do que se considera agradável e paira um leve odor a colónia masculina. Com notas terrosas, amadeiradas, com uma sugestão de tabaco de charuto em vez do cigarro da Harper. Prefiro assim. Imagino o meu anfitrião apreensivo com um charuto entre os dedos enquanto saboreia uma bebida forte e escura.

— O teu telemóvel descartável — diz a Harper, tirando-o do bolso. — Afasta-te de tudo o que se assemelhe a redes sociais. Não te ponhas a publicar vídeos de comida ou passos de dança da moda. Se sentires que algo não parece bem, envia-me uma mensagem. *A mim*, em primeiro lugar, e depois não hesites. Procura o Ace. Se for uma emergência real, telefona para o 911.

— O que é que não me está a dizer? — pergunto, olhando para o telemóvel, sentindo a sua atenção numa possível reação minha.

— O Ace e a família dele são pessoas em quem confio. E um grupo seletivo de pessoas desta cidade irá garantir que estás segura aqui. — Ela sorri para mim. — Vais ultrapassar isto, Laney. E vou certificar-me de que sais disto ilesa.

Quando olho de novo para o Ace, vejo que tem os braços cruzados e se limita a assistir à nossa conversa. Pergunto-me que aspeto terei do seu ponto de vista. Parece-me um novo começo, mas ainda incerto.

— Ela é inteligente e pode acrescentar algum valor real à tua marca — diz-lhe a agente Harper, seguindo o meu olhar. — Mantém-na escondida, dá-lhe um emprego, e eu farei o que puder para manter o caos afastado daqui.

— Mal me cheire a perigo, ela põe-se a andar, Bea — avisa o Ace, aclarando a garganta. — A minha família está aqui. Os meus irmãos. As minhas sobrinhas. Até o meu avô velho e rabugento.

— Vai-te lixar, Atticus — diz uma voz forte, com um arrastado sotaque sulista, do fundo do corredor. A voz surpreende-me. Não esperava que estivesse aqui mais alguém.

O Ace cicia um «raios partam» antes de responder em voz alta:

— Isto não é o tipo de conversa para se por à escuta.

— Estás para aí aos berros como se vivesses sozinho — responde a voz sinistra, mas ao mesmo tempo cómica. — E sabes muito bem que esta casa é tão minha quanto tua.

Vejo um homem de cabelo com madeixas brancas e prateadas encostado ao arco na esquina do comprido corredor. É alto e magro, com um bigode espesso, mais prateado do que branco, a esconder-lhe os lábios. Os dois homens são parecidos. E atraentes de uma forma que faz com que se olhe para eles duas vezes.

— Quando tratas dos teus assuntos como quem põe uma mesa para o pequeno-almoço, eu sirvo-me. — Os lábios do homem curvam-se num leve sorriso e as faces movem-se, fazendo com que a pele em volta dos olhos se enrugue ligeiramente. — Muito bem — continua, voltando a atenção para mim —, quem é esta coisinha adorável?

— Volte para a cama, Griz — responde o Atticus.

— Credo — bufa a agente Harper em simultâneo.

— Eu não sou uma coisinha — respondo, ignorando ambos. — Mas obrigada por me chamar adorável.

Ele inclina a cabeça para baixo enquanto o seu olhar se fixa no meu.

— Não foi com intenção de te desrespeitar, querida. Certificar-me-ei de que não cometo o mesmo erro de novo. — O Griz avança na nossa direção com um pequeno copo de cristal em cada mão, contendo apenas um tudo-nada de uma bebida cor de caramelo escuro. Volta a sua atenção para a agente Harper. — Vejo que estás a lidar muito bem com o que parece ser um problema, como é costume, Beatrice.

Ela sorri para si própria.

— Sabe como é, Griz — suspira.

A ansiedade associada à minha chegada desaparece. A história que liga os três, cuja extensão é provável que nunca venha a conhecer, além de despertar a minha curiosidade, tem o condão de me acalmar os nervos.

— Terás de nos perdoar por não te recebermos condignamente, querida — continua o Griz, estendendo-me um copo.

Quando lhe pego, bate com o dele no meu e bebe um gole da bebida.

O leve aroma a carvalho chamuscado atinge-me o nariz assim que o trago que dou me pica a língua. Percebo que devia ter sorvido um leve gole no preciso instante em que o ardor se apodera da minha garganta. A bebida rouba-me o fôlego e obriga-me a soltar uma tosse que mais parece fogo. Os meus olhos enchem-se de lágrimas enquanto tento recuperar. Foi um erro de principiante, para alguém que passou a maior parte dos seus 20 e poucos anos a servir bebidas alcoólicas.

— Desta vez, deixa que te cubra a língua antes de engolires — recomenda o Ace. Sinto um rubor nas faces ao ouvi-lo, e sigo a sua sugestão. — Sentes o calor no peito?

Faço que sim com a cabeça. É um calor mais agradável.

— Gostamos de lhe chamar «abraço do Kentucky».

— E o que tens no copo — intromete-se o Griz — é o lote do centésimo aniversário, que engarrafei esta manhã. És apenas a segunda pessoa, desde então, a provar desse casco.

— Ena, obrigada — respondo, limpando o canto do olho, húmido da minha tosse muito pouco feminina.

O Griz olha para o neto com ar de desilusão. E depois o seu olhar fixa-se na agente Harper, ao meu lado.

— Ela não sabe quem somos? — pergunta.

— Diz isso como se ela estivesse aqui para conhecer as instalações, ou assim — responde o Ace. — Sabe que se trata de um assunto particular e, mais uma vez, caso não tivesse os aparelhos auditivos ligados há pouco, está a interromper.

Olho para o chão e reparo no emblema ali gravado. *Esta agora, diabos me levem.*

— Cala-te, Ace — protesta o Griz, dando uma palmada no ar.

É difícil conter um sorriso ao ver como o neto bufa em resposta.

— Acompanha-me à porta, Laney — intervém a agente Harper.

— Foi um prazer, como sempre, Beatrice — diz o Griz atrás de nós.

Ela não responde, mas dirige um último olhar ao Ace, acompanhado por um aceno de cabeça, quando desce os degraus por onde viemos.

Acompanho-a ao carro em silêncio e, lá chegada, tiro as minhas coisas da bagageira.

— São bons homens. Todos eles — diz-me, pondo o carro a trabalhar e descendo o vidro do seu lado. Acende mais um cigarro, dá uma passa e expele o fumo, acrescentando: — Estás em segurança, Laney. — Olha para o meu rosto em busca de algo que lhe diga que acredito nela. — Tenta viver. Faz um esforço para sarar. E lembra-te do que te disse...

— Mensagem de texto, procurar o Ace, ligar para o 911 — repito, acenando com a cabeça. — Entendido.

— Ainda bem que prestaste atenção — continua, sorrindo. — Mas falava a sério quando me referi ao teu pai. Ele ficaria muito orgulhoso de ti.

E não sei se é de ficar a ver a poeira levantada pela carrinha quando desaparece no longo acesso à casa, ou pelo facto de saber que ela tem razão, mas os meus olhos enchem-se de lágrimas e contenho um soluço. Apanhou-me de surpresa, apesar de tantos sentimentos à flor da pele.

Esta é a minha nova vida. Engulo o resto das emoções que me sobem à garganta e ameaçam transbordar. *Não agora.* Posso ir-me abaixo mais tarde.

Fico a ver as luzes traseiras da carrinha tornarem-se mais pequenas à distância, e o silêncio prega partidas aos meus ouvidos enquanto a humidade do ar se agarra à minha pele. Apanho o cabelo e enrolo-o alto o suficiente para que não se agarre ao pescoço. *E agora?* Dói-me a região lombar por ter passado demasiadas horas sentada numa carrinha, e a fadiga apodera-se do meu corpo.

Um som de passos atrás de mim alerta-me o suficiente para saber que ainda não posso dormir.

— Temos um chalé na propriedade que pode ficar para ti enquanto aqui estiveres — diz a voz do Ace do alpendre. — Mas passa das três da manhã, e tenho de o limpar antes disso. Não estava propriamente à tua espera.

— Estou capaz de dormir em qualquer lado, esta noite — brinco. Ele não sorri, limitando-se a dirigir-me um aceno de cabeça.

— Precisas de ajuda com as tuas coisas? — pergunta.

Levanto o saco vermelho coberto de alvos. Nem está totalmente cheio. Mas contém roupa interior para uma semana, desodorizante, uma escova de dentes e um modelador de caracóis, um pouco de delineador líquido, rímel e um batom vermelho garrido que me pareceu condizer com a minha nova cor de cabelo. Não pensei duas vezes na cor; escolhi a que queria. Também peguei num saco de go-mas ácidas com o formato de ursinhos, mas já comi a maior parte. Com a pressa, estas eram as minhas prioridades, ao que parece. Hei de arranjar mais roupas.

— Isso é tudo?

— Não pude fazer as malas antes de partir — respondo.

Pelo arco ao fundo do corredor, vejo uma cozinha monumental, cheia de eletrodomésticos industriais, todos levemente iluminados pelas luzes embutidas espalhadas pelos tetos abobadados.

— É linda — balbucio. — Quantas pessoas vivem aqui?

Ele parece divertir-se com a minha reação instintiva ao tamanho e estilo impressionantes da divisão.

— Vivemos apenas eu e o Griz na casa principal — responde, ligando uma cafeteira elétrica para o chá.

Cala-se por um instante, erguendo um canto da boca numa espécie de sorriso.

— Mas os meus irmãos não vivem longe daqui. E vêm cá com frequência — continua. — Recebo muitos encontros de negócios. São muitas horas passadas com as minhas equipas — acrescenta, olhando em volta. — Este lugar era necessário.

Sentando-me ao espaçoso balcão em forma de ilha, escolho o assento da ponta numa fila de oito.

— É grande. — Aclaro a garganta e penso em como toda a propriedade, mesmo no escuro, parece o lugar perfeito para um casamento. — Obrigada por aceitar que eu ficasse.

Ele deita a água a ferver em duas canecas, cada uma com a sua saqueta de chá.

— Ouviste uma discussão que teve menos que ver contigo, e mais comigo e com a Bea — observa, dirigindo-me um sorriso tenso. A sua atenção é desviada para a caneca fumegante diante de si. — Desde que não arranjes problemas, és bem-vinda nesta casa, Laney. O tempo de que precisares. Por mais que não goste da presença de estranhos na minha propriedade ou nos meus negócios, abro uma exceção quando isso me vale um favor que posso cobrar mais tarde.

A forma como olha para o relógio de parede enquanto sorve um gole da caneca leva-me a fazer o mesmo. E a fadiga, um verdadeiro cansaço até aos ossos, apodera-se de mim como se eu tentasse manter-me de pé perante uma onda de grandes dimensões. Estou capaz de dormir dias seguidos. Sinto os membros cansados e doridos, e a minha mente precisa de uma pausa de tanto pensar. E é quando dou por mim a sentir-me nervosa perante a possibilidade de descansar os olhos. De estar completamente sozinha num lugar novo.

— Tenho um emprego à tua espera quando estiveres preparada — anuncia o Ace. — O nosso trabalho é árduo e não falta, mas é um sítio e tanto. Tira uns dias para te recomposes. A cidade não é grande, por isso não vais levar muito tempo a adaptar-te.

Aceno afirmativamente à sua sugestão, e os olhos dele cravam-se no meu pescoço. Toco nos pequenos cortes que surgiram enquanto ela gritava e me implorava que a ajudasse. As suas unhas agarravam-se a tudo o que encontravam. Não era sua intenção magoar-me. Foi tudo resultado da histeria e do pânico que tomavam conta dela. As únicas marcas visíveis de uma noite que penso que não conseguirei apagar da minha memória tão cedo.

— Não era minha intenção olhar — desculpa-se, desencostando-se do balcão da cozinha. — Não conheço os pormenores, mas mereces todo o meu respeito, Laney.

Olho para a caneca e, uma vez que não sou de filtros, especialmente agora, pergunto:

— O respeito não é algo que se conquista? Não é o que diz o ditado?

— Não, aqui não. Há muitas pessoas por quem perdi o respeito, mas as pessoas não precisam de o conquistar quando se trata de mim — responde.

A sinceridade na sua voz faz-me sentir uma vontade imediata de nunca o desiludir ou perder o seu respeito. Algo me diz que ter o respeito do Atticus Foxx vale muito em Fiasco.

— Vou deitar-me. Há um quarto de hóspedes neste piso, do outro lado da despensa. Ao fundo do corredor. Serve-te do que possas precisar, e eu certifico-me de que amanhã terás uma visita guiada a toda a propriedade.

Passa por mim e acena com a cabeça em jeito de boa-noite.

— Isto vai parecer... — Abano a cabeça e sorrio ao virar-me na direção que ele seguiu. — Quando diz propriedade...?

— Raios partam a Bea — murmura com um sorriso. Inspira profundamente antes de expirar com frustração. — Aquela mulher gosta de deixar perguntas por responder — acusa-a. — Estás na Foxx Bourbon. Isso inclui a destilaria, a tanoaria e os armazéns, e tudo isso está localizado neste terreno. Curiosamente, também é a minha casa. E, enfim — acrescenta, piscando-me o olho para aliviar o ambiente —, parece que agora também é a tua.

Quem tiver trabalhado ao balcão de um bar numa qualquer cidade grande, onde os clientes gostam de gastar dinheiro em bebidas caras e não apenas em imperiais durante a *happy hour*, já serviu *Foxx Bourbon*. Sou boa em algumas coisas e excecional numa mão-cheia de outras. Servir ao balcão num bar enquadrava-se na categoria «excecional» antes de começar a planear eventos com orçamentos ilimitados. *Foxx Bourbon* não é uma marca em ascensão ou popular apenas em determinados locais. Não, quem souber a diferença entre whisky escocês, whisky produzido fora da Escócia e bourbon já ouviu falar do nome Foxx.

Vim parar ao coração da Terra do Bourbon com um nome novo e sem passado. E, por algum motivo, quando o Ace diz que este lugar também é a minha casa, os meus ombros descontraem-se e o peso daquilo de que me escondo diminui o suficiente para me sentir mais leve do que em muito tempo.

4

LANEY

Acordo com o corpo em sobressalto e, apesar do edredão grosso e do quarto fresco, não consigo sentir-me confortável. A ansiedade desperta-me de vinte em vinte minutos. A minha enxaqueca diminuiu, mas o cansaço não me deixa dormir profundamente. Em vez disso, vejo as mesmas imagens vezes sem conta, de ângulos diferentes: a carne dilacerada e o sangue que não parava de correr. Na altura, não sabia exatamente do que fugíamos, mas estávamos a deixar um rasto atrás de nós. Não havia tempo para impedir que assim fosse. De todas as vezes que fecho os olhos, a cena repete-se num ciclo constante. Não quis tomar os medicamentos que a terapeuta do governo me receitou quando estávamos a sair da cidade. Agora arrependo-me dessa decisão.

Puxo a manta que está aos pés da cama e coloco-a sobre os ombros, saindo pela porta dupla para o pátio. A transição do chão de madeira para a ardósia escura faz-me sentir um calor bem-vindo sob os pés descalços. Inclino a cabeça para trás, inspirando profundamente o aroma açucarado. O céu começa a mudar de cor, com os mais ténues tons de pêssego e amarelo a pintar a linha que separa a terra do céu.

Os cercados dos cavalos ficam à minha esquerda, suficientemente afastados para que, mesmo que ali estivessem cavalos a esta hora, eu não os visse como algo maior do que pontinhos ao longe.

Os degraus que descem para a relva estão escorregadios com o orvalho da manhã, mas quero senti-la entre os dedos dos pés. São poucas as vezes que me recordo de ter andado descalça na relva no lugar de onde vim: durante os concertos no relvado principal ou nos preguiçosos piqueniques de domingo no Central Park. Eram, ao mesmo tempo, planos e um destino de fim de semana. Isto está em completo contraste com isso. É uma mudança tranquila em relação ao betão, aos táxis e grelhas fumegantes de um percurso matinal típico. Isto fica a poucos metros de onde dormi. É o quintal exageradamente grande do Ace.

Um assobio rápido, seguido de um «Calma, miúda!», num tom baixo e grave, faz-me voltar a cabeça tão depressa que é bem possível que venha a ter uma lesão cervical. É mais uma coisa para acrescentar à lista do que tenho de processar. Parece muito cedo para alguém montar a cavalo, mas, por outro lado, não faço ideia do que as pessoas fazem em Fiasco, no Kentucky. Talvez isto seja perfeitamente normal.

Após uma curta sequência de assobios, uma cadela surge do nada, a correr ao lado do cavaleiro. A cabeça castanho-chocolate do animal destoa do resto do seu corpo salpicado de branco e cinzento. Acompanha o ritmo do cavalo e do cavaleiro, que se aproxima a cada segundo ao chegar ao topo da pequena colina a menos do comprimento de um campo de futebol de onde me encontro. Com o corpo erguido e voltado diretamente para mim, puxa as rédeas e para quase instantaneamente. Não é o Griz nem o Ace. Não, este homem é mais corpulento e jovem, mas facilmente mais velho do que eu. Parece chateado, como se eu fosse inconveniente por me encontrar no seu caminho. Mesmo que quisesse correr para dentro de casa, a forma como ele não deixa de me encarar faz-me sentir que é o tipo de homem que iria atrás de mim. Que não pediria autorização para entrar, mas exigiria resposta à pergunta mais provável: *quem raio és tu?* E eu teria de mentir, porque é isso que sou agora. Uma mentirosa.

Mas não vou fugir. Apesar de ainda estar a tentar perceber quem pode ser esta nova versão da Laney, não vou permitir que ela seja o

tipo de mulher que foge. Assim, mantenho a minha posição, muito direita no meu lugar. Sei qual é a sensação de um julgamento silencioso quando os seus olhos me percorrem de cima a baixo. Que julgue à vontade. Estou a fazer o mesmo.

Há um filme que vi no cinema quando era adolescente, bem como de todas as vezes que passava na televisão. Da primeira vez que o vi, pensei que fosse um *western*. Começa com uma mulher envolvida num confronto com um fora da lei chamado Rogan. A mulher fá-lo acreditar que vai ter o espetáculo de *striptease* que ele acabou de lhe exigir, mas, ao desatar a saia, saca de um punhal e atira-o com precisão cirúrgica, atingindo-o no coração. Ela salva-se. E quando sai de casa a coxear, avista ao longe o amor da sua vida a cavalo. Ele espera-a para partirem em direção ao pôr do sol. Estava ali para ficar com ela, mas ela não precisou que ele a salvasse. Fê-lo sozinha.

Sempre gostei da ideia de um homem assim. Um feminista sensual que não precisa de mandar numa mulher ou de a salvar para fazer prova da sua masculinidade. Um homem que confia nela e a deixa lidar com os seus problemas sem precisar de a resgatar, mas que está presente quando ela precisa dele. Certo, certo, é que nunca encontrei um homem assim.

O mais curioso de tudo é que o filme acabou por não ser um *western*. Era uma comédia romântica dos anos 80 sobre uma escritora reclusa que é forçada a embarcar numa aventura, a exemplo dos enredos dos seus romances. Surpreende-se ao revelar-se uma mulher dura no final. Resgata a irmã, conquista o homem e torna-se a heroína da sua própria história.

Este filme não tem nada que ver com isso. Por mais que ache este cowboy uma fantasia distante, quanto mais se aproxima, mais nítida se torna a expressão carrancuda no seu rosto. Não está nada contente. Não sei exatamente quem é, mas se tivesse de dar um palpite, diria que o Ace não o avisou de que sou bem-vinda. Ele faz o cavalo abrandar a não mais do que quinze metros de onde me encontro, mas a cadela que o acompanha não para.

Ele olha para baixo e faz-me lembrar de que tudo o que tenho vestido é uma t-shirt demasiado comprida, tendo as pernas nuas e os pés descalços. Cerro os punhos, sem saber o que fazer com as mãos enquanto ele me observa. Sinto um rubor nas faces quando ele incita o cavalo para que se aproxime um pouco mais. Só percebo que estou a conter a respiração quando os meus pulmões me obrigam a expirar.

O cabelo escuro do cavaleiro espreita por baixo de um boné de basebol azul-escuro coçado. Os ombros largos e a postura perfeita fazem com que ele pareça nascido para andar a cavalo. Tem um porte confiante e duro. Os meus olhos percorrem o seu peito largo e sobem até ao queixo esculpido a cinzel, escondido pela barba cerrada de alguns dias. Não me limito apenas a observar os seus braços, os antebraços musculados e os nós dos dedos brancos que seguram as rédeas. Olho para ele fixamente. O seu aperto sobre as rédeas parece tão tenso como sinto todo o meu corpo. À medida que os seus olhos me percorrem do rosto aos pés e de novo em sentido inverso, os únicos sons que se ouvem são o chilrear das aves que despertam e o abanar da cauda da cadela, enquanto o seu focinho húmido roça na minha perna.

— Está perdida? — são as primeiras palavras que o cowboy me dirige.

Por mais intenso que tenha sido observar um homem aproximar-se a cavalo, não estava à espera do tom incisivo da pergunta.

— De momento, não.

Ele franze o sobrolho e a sua expressão torna-se mais carregada. Se tivesse de apostar, diria que está a tentar descobrir exatamente quem eu sou.

— Nesse caso, o que faz de roupa interior na minha propriedade?
Na propriedade dele?

Ergo o queixo e levanto o polegar para contar o que estou prestes a dizer, com toda a altivez que consigo.

— Em primeiro lugar, esta propriedade é do Griz — começo, logo estendendo o indicador da mesma mão. — Em segundo lugar,

estava a desfrutar de uma manhã tranquila. — Fecho os dois dedos e estendo o do meio com toda a naturalidade. — E, em terceiro lugar, é uma t-shirt — remato, puxando a bainha de algodão com a outra mão. — Não é roupa interior, coisa que não tenho vestida neste momento — acrescento, baixando a voz para pouco mais do que um murmúrio.

Não me escapa como o seu olhar desce de novo para a bainha da minha camisola. Ele cerra os dentes com tanta força que o maxilar quadrado se contrai, parecendo ainda mais severo com a sombra da barba por fazer que lhe cobre o rosto e o queixo. Quando encara o meu olhar, percebo como o meu comentário o fez passar de irritado a completamente furioso.

Mordo o lábio inferior numa tentativa de não sorrir. Claro que tenho cuecas vestidas. E talvez seja idiota dizer o contrário a um estranho, mas quase não dormi. Esta minha indiferença faz-me sentir muito bem.

A cadela dele toca-me de novo na perna, arrancando-me do confronto de olhares em que parece que me envolvi. Deixo que cheire as costas da minha mão antes de lhe coçar as orelhas caídas.

— Olá. És muito querida, não és? — pergunto. As suas patas enlameadas deixam a minha manta numa miséria, mas estou certa de que a conseguirei lavar. — Muito mais amigável do que o cowboy que está a olhar para nós, não?

Desço-lhe as mãos pelo pescoço e leio o nome que tem cosido ao arnês: *Julep*. Sorrio e continuo a coçá-la enquanto ela se entrega aos meus mimos.

— Ele ainda está a observar-nos, *Julep*?

— Vou fazer-lhe um favor e ser honesto consigo.

Coço a cadela atrás das orelhas ao mesmo tempo que levanto o olhar para ele.

— Pelo seu tom encantador, calculo que esse «favor honesto» não seja do tipo que me fará sorrir ou gemer depois.

Preciso de recorrer a todas as minhas energias para não dar uma palmada na própria boca e pedir desculpa por ter dito a primeira

coisa que me veio à cabeça. Quando olho para ele, vejo-o perder a expressão carrancuda por um instante enquanto aclara a garganta. O canto direito da sua boca curva-se apenas o suficiente para provocar um movimento do pelo mais espesso acima do lábio.

— Não estou interessado — responde.

— É essa a sua versão de ser honesto? — insisto, mordendo o lábio.

Ele passa o olhar pelo meu corpo agachado e demora-se no meu traseiro, que a camisola mal cobre por me encontrar inclinada sobre a cadela dele.

— Não me interessam especialmente os restos do meu irmão, doçura.

O quê? É então que percebo que se trata de um dos irmãos do Ace.

— Não sou a sua doçura, cowboy — riposto, pondo-me de pé.

Desta vez, o seu peito move-se e ele flete os ombros, divertido com a minha resposta.

— Não há cowboys por estas bandas. Há cavaleiros e produtores de bourbon em Fiasco — diz, com um leve sotaque sulista no final das palavras.

É arrogante que baste para me lembrar de que estou aqui sem calças e que ele conseguiu despertar em mim algo que se parece muito com atração. Preciso mesmo de descansar. Estou a confundir insultos com namoriscar.

— Parece que também terão alguns idiotas.

Juro que o seu lábio superior se curva um pouco mais, quase me presenteando com um sorriso, mas o alarme do telemóvel dele faz-se ouvir no seu bolso de trás, deixando a sua reação e a minha pergunta sem resposta.

Depois de desligar o aparelho, vira o boné ao contrário, dirigindo-me mais um olhar antes de dizer:

— Vamos, *Julep*.

O boné de basebol era giro, mas voltado ao contrário é sensual. Mas se ele tivesse um chapéu de cowboy na cabeça, eu estaria a apertar as coxas.

A cadela ladra, arrancando-me dos meus pensamentos errantes. Fã-lo mais duas vezes ao dono, como se para lhe dizer: *Estou quase a ir.*

Eu também, miúda. Eu também.

Levantando as rédeas, ele solta um assobio curto, fazendo o cavalo, que estava parado, descrever um círculo completo. Passa por mim com tanta velocidade que o meu cabelo se levanta com a deslocação do ar que me bate na cara. Não me concentro no facto de não lhe ter perguntado o nome. Nem de não lhe ter dito o meu. Em vez disso, a única coisa que me chama a atenção é uma sensação de gravidade zero. Um friozinho na barriga, as faces em chamas e um estado de silêncio que raramente experimento.

— Quem raio era aquele? — pergunto, soltando uma gargalhada nervosa.

EM FIASCO, NO KENTUCKY, HÁ APENAS UMA REGRA: NUNCA SE APAIXONAR POR UM DOS IRMÃOS FOXX

Grant Foxx há muito que abandonou a carreira nas forças policiais, mas tem experiência suficiente para perceber que Laney Young, a lindíssima desconhecida que apareceu na sua pequena vila, está a fugir do perigo e a mentir em relação ao motivo que a levou até ali. E é por isso que não a quer por perto da sua família, nem da tranquilidade que finalmente conseguiu construir à sua volta, depois de um passado marcado pela tragédia.

Contudo, os irmãos insistem em acolhê-la na casa de hóspedes e até lhe oferecem emprego na destilaria da família, o que faz com que Grant comece a ter dificuldade em ignorá-la, uma vez que ela está sempre em toda a parte. E Laney não lhe facilita a vida, pois a sua atitude provocadora faz com que Grant volte a ter desejos que julgava ter descartado para sempre.

O melhor seria mesmo esquecer o que ela provoca nele, mas não tarda a que a proximidade que são forçados a ter comece a transformar-se em algo que Grant jurara nunca mais querer na sua vida. Só que, quando o passado de Laney vem à tona e as mentiras começam a ser reveladas, as regras que impôs a si mesmo deixam de ter importância e tudo se torna muito mais arriscado.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-5960-85-9



9 789895 960859